

Identificando Elementos Característicos do Narcisismo nos Profissionais de uma Organização do Trabalho

Carem Rocha Soares¹
Íris Barbosa Goulart²

RESUMO

Este trabalho aborda as manifestações psicossociais do narcisismo presentes no universo dos profissionais de uma organização analisadas sob a luz da teoria psicanalítica freudiana. Foi realizado um estudo de caso com abordagem qualitativa desenvolvendo um critério interpretativo, utilizando o método clínico de análise. A empresa pesquisada foi um escritório de advocacia no segmento de direito do trabalho. Foram utilizadas quatro categorias de análise a partir das entrevistas realizadas com três sujeitos: (1) abertura e breve histórico da influência familiar, (2) história do motivo, (3) breve relato acadêmico e (4) contexto profissional, pessoal e relacionamento social. Buscou-se, amparado no arcabouço teórico sustentado pela teoria de Freud, identificar a presença de Narciso a partir de elementos inconscientes figurados na linguagem dos sujeitos através de sua realidade psíquica. Para isso, foram considerados passíveis de análise aspectos emergidos do discurso, do comportamento e de outras formas inconscientes reveladas pelos participantes durante a pesquisa. Avaliadas as quatro categorias de análise, confirmou-se a presença de Narciso e de alguns traços do seu desdobramento tipológico presentes no discurso dos sujeitos, permitindo, assim, convergir, em um mesmo estudo, linhas de pensamento de diferentes saberes provenientes da Administração e da Teoria Psicanalítica freudiana.

PALAVRAS-CHAVE: Narcisismo organizacional; dimensões psicossociais narcísicas; perspectiva psicanalítica de análise; método clínico.

ABSTRACT

This work approaches the psychosocial manifestations of narcissus in the social context of organizational members analysed under the light of the Freudian psychoanalytic theory. A case study was conducted within a qualitative approach, in which an interpretative criterion was put to proof through the clinical method of analysis. The organization researched was an attorney's office, specialized in workers' compensation law. Four analytical categories were used based upon interviews conducted with three people: (1) opening and short history of familiar influence, (2) history of the motives/reasons, (3) short academic report and (4) personal and professional contexts, and social relationships. The goal – based on the theoretical foundation sustained by Freud's theory – was to identify the presence of Narcissus upon the unconscious elements manifested in the interviewees' speech through their psychic reality. For this purpose, emergent aspects from the speech, behaviour and other unconscious forms revealed by the participants of this research were susceptible to analysis. After the evaluation of the four analytical categories, not only the presence of Narcissus was confirmed in the subjects' speeches, but also its typological unfolding, therefore

¹ Mestre em Administração pela FEAD e autora da dissertação que deu origem ao artigo.

² Doutora em Psicologia e orientadora da referida dissertação de Mestrado na FEAD.

allowing for the convergence – in the same study – of knowledge and wisdom coming from both business administration and the Freudian Psychoanalytic Theory.

KEY-WORDS: Organizational Narcissism; Narcissistic Psychosocial Dimensions; Psychoanalytic perspective of Analysis; Clinical Method

INTRODUÇÃO

O processo de construção das relações sociais que se dá no ambiente organizacional se desenvolve em um contexto naturalmente complexo, enriquecendo o universo profissional dos mais variados tipos de sentimentos e intenções criados, em parte e inconscientemente, pelos próprios indivíduos. O intuito imediato do sujeito é a adaptação à filosofia e à cultura estabelecidas pelas empresas e a inauguração de novas relações sociais necessárias entre pares, superiores e subordinados para atingirem o resultado provável, fazendo com que cada um se sinta realizado e completo em relação à expectativa que nutriu perante a instituição empregadora.

Através das experiências profissionais vivenciadas durante os anos de atuação no mercado de trabalho, a autora tinha o hábito de realizar “sessões organizacionais”, ou seja, analisava os profissionais e as situações ocorridas na rotina de trabalho colocando um enfoque nos sujeitos, em sua forma de agir e conceber a trajetória profissional, nas relações sociais estabelecidas, bem como o universo inconsciente que permeia a organização. Em determinadas empresas o tipo de atividade ampliava o nível de ansiedade das pessoas, como por exemplo durante a chamada “coqueluche tecnológica”, cujo termo fora empregado popularmente no mercado de telecomunicações quando a avalanche provocada pelas empresas de telecomunicações invadiu o país durante a década de 1990, iniciando assim um período de *start up* das grandes operadoras de telefonia móvel estrangeiras. Surgia aí uma busca por profissionais que tivessem um perfil arrojado, velocidade para executar suas atividades, agressividade para gerir ou competir com grandes concorrentes num mercado muito mais hostilizado, enérgico e inflamado. Isso colocou os profissionais muito mais expostos no que tange a uma análise clínica diante da instabilidade, velocidade e intensidade da condição organizacional e mercadológica com relação ao acirramento cada dia maior dos *players* concorrentes, além dos novos entrantes.

De acordo com Fleury (1987), alguns trabalhos abordando o campo simbólico foram publicados nos últimos anos atingindo uma importância significativa e importante dentro da administração. A autora destaca o processo de criação construído pela empresa junto aos profissionais, através da crença de se fazer parte de uma grande família organizacional, do mito da empresa associada à imagem de uma grande família. Taylor e Horochovisky (2001) utilizam três teorias (psicanálise, sociologia e administração) para entender e escrever sobre como o indivíduo se estrutura dentro do contexto organizacional, além de avaliarem os impactos desse processo na empresa. Carissimi (2008) analisa sob a luz do texto freudiano “O mal-estar na civilização” o mal-estar organizacional ocasionado pelas políticas de desenvolvimento e gestão do recurso humano, considerando o inconsciente como um dos temas centrais de sua abordagem.

Nos tempos atuais é notória a preocupação de diversos autores com a psiquê humana no que tange a sua saúde mental dentro do contexto organizacional. Segundo Mendes (1999), o bem-estar psíquico do trabalhador será fruto dos padrões de funcionamento e valores edificados pela organização. De

acordo com Simões (2008), nos resultados analisados em seu artigo sobre o mundo psíquico, as experiências que o sujeito estabelece na família são fatores determinantes à constituição do psiquismo humano e interferem diretamente em suas relações sociais no trabalho. Godoi (2007) defende uma proximidade entre o campo psicanalítico e organizacional a partir de uma análise crítica das teorias organizacionais abrindo espaço para inserir um novo saber.

A partir da rotina de trabalho e da análise das relações sociais construídas entre os profissionais no cenário organizacional, verifica-se que existem mais aspectos irracionais ou inconscientes para serem investigados do que a estrutura racional ou consciente representa (MOTTA, 2008). Paralelamente à organização, a realidade psíquica do sujeito transparece nesta representação. Dentro dessa visão, o problema que será investigado nesta pesquisa será o seguinte: quais dimensões psicossociais podem ser identificadas nas relações existentes entre os membros de uma organização a partir do conceito de narcisismo?

O intuito de obter respostas a esta questão levou à formulação do seguinte objetivo geral: identificar e analisar dimensões psicossociais presentes nas relações existentes entre os membros de uma organização que reflitam o narcisismo. A partir dessa investigação, os objetivos específicos a que este estudo se dedicou foram analisar a apropriação da psicanálise pelos teóricos das organizações e identificar e analisar o conceito narcísico e suas implicações inconscientes no contexto organizacional.

MARCO TEÓRICO

Para tratar este tema, faz-se uma incursão pela história do contexto socioeconômico no período compreendido entre os séculos XVIII e XX, identificando as contribuições de algumas ciências humanas e sociais que fundamentaram a teoria administrativa. Essa abordagem servirá de auxílio para a investigação das relações sociais e da dinâmica organizacional, evidenciando suas implicações no ambiente de trabalho. O que se pretende, portanto, é promover a convergência de visões de diferentes escolas de pensamento advindas da administração e da teoria psicanalítica estritamente freudiana.

É importante observar que os principais movimentos sociais e os conseqüentes progressos tecnológicos gerados no mundo contribuíram para a evolução do sujeito e para a transformação do ambiente de trabalho a partir do crescimento econômico e do desenvolvimento social sendo uma das tônicas resultantes da Revolução Industrial. Inicialmente, as organizações se apropriam da escola da Administração para gerirem seus processos e pessoas. Esta é uma área relativamente recente na qual o homem, suas relações sociais e o produto advindo do seu trabalho constituem elementos-chave para as diversas discussões filosóficas a respeito desse tema, conforme Goulart (2007) discorre em artigo que aborda a subjetividade nas organizações. A autora enfatiza que o desenvolvimento de ciências como a Psicologia, a Sociologia e a Antropologia tem trazido importantes contribuições para a gestão organizacional. Essas áreas realizam uma abordagem analítica referente à conduta humana considerando seu fundamento biológico, psicológico e social, além das relações sociais que o sujeito constrói ao longo de sua vida produtiva apoiada na influência da cultura organizacional na qual esteja inserido. Analisar a subjetividade, portanto, se torna extremamente importante, pois abarca tudo o que se relaciona e é relativo ao sujeito (FERREIRA, 2000, p. 21).

O surgimento da teoria freudiana se dá ao final do século XIX e início do século XX, no auge do individualismo, liberalismo e simbolismo, tendo sido também constituídos nessa época os relevantes princípios da organização política e econômica da história. O despertar do movimento romancista surgiu nas últimas décadas do século XVIII na Europa e se estendeu pelo século XIX, sendo atribuído a esse século o início de uma sociedade organizada pelo regime disciplinar. Conforme discorre GOULART (2007), o Romantismo foi inicialmente uma atitude, um estado de espírito, tomando depois uma forma de movimento contrário ao racionalismo que considerava a intuição, a vontade e a sensibilidade como elementos importantes dentro de uma visão de mundo voltada para o indivíduo. Os artistas e os autores da época refletiam sobre o drama do homem, seus sonhos, desejos e amores intensos através de uma liberdade criadora.

Conforme discorrem Arruda e Pilleti (1995), é importante observar a transição do século das luzes, distinto pela objetividade e pela razão, para o século XIX, caracterizado pelo subjetivismo, pela intensidade dos sentimentos, pelas emoções e obras líricas e pela descoberta e importância do “eu” do sujeito. Esse sujeito da fase romântica lida com os assuntos de maneira pessoal, sempre em primeira pessoa e dentro da sua perspectiva a partir da captação perceptiva e observatória de forma individual. Esse ser egoíco é o alimento substancial do subjetivismo caracterizado também por um eu egoísta, isolado e incompreendido. O indivíduo carrega um pessimismo, uma dor de existir, além de apresentar uma pulsão de morte caracterizada em sua subjetividade.

A partir da segunda metade do século XIX, surge o Realismo/Naturalismo, que foi um movimento artístico que emergiu na França, num momento em que se puderam observar as primeiras lutas de classe contra o capitalismo dominante. Foi um momento avesso ao excesso romântico e um respeito crescente pelas ciências exatas e pelo progresso técnico. Enquanto o romântico cultuava o belo e idealizava o desejo, o realista se importava com o real e o objetivo. As imagens fantasiadas e perfeitas dão espaço às imagens sem máscaras e reais. O realismo revelou a rotina massacrante, a traição, o egoísmo e a falsidade humanas, segundo Arruda e Pilleti (1995). Abordar o que não é correto devia ser encarado de maneira normal, natural. Em resposta ao egocentrismo da fase romântica, o realismo critica a realidade, sem permitir quaisquer distorções. Era uma busca pelas evidências dos possíveis problemas ocorridos nas instituições e no comportamento humano. O ser humano desmascarado do realista surge “de cara limpa”, vestido dele mesmo, e toma o lugar do guerreiro e do semideus romântico.

Ao final do século XIX, irrompe o Simbolismo, movimento surgido na França e oposto ao anterior (Realismo/Naturalismo). Essa fase se caracterizou pelo individualismo extremo e pela vazão do lado místico do indivíduo. Os simbolistas valorizavam a visão particular do sujeito e não mais aquela objetiva da realidade, depositando seu imenso interesse no lado mais oculto e mais profundo do sujeito, no “eu”, no inconsciente, no desconhecido e no sonho. O imaginário, a fantasia e a intuição são temas místicos que ganham peso para inspiração do homem. O importante era expor a essência do sentimento ao invés do realismo de outrora. Esse movimento caminhou até o nascimento do Modernismo, já no século XX, sendo que, no Brasil, a Era Moderna foi marcada originalmente a partir da Semana da Arte Moderna em 1922, conforme apontaram Arruda e Pilleti (1995).

A trajetória dos movimentos artísticos e intelectuais descritos nos últimos parágrafos ocorre no mesmo período em que a Revolução Industrial trouxe profundas mudanças tecnológicas e

produtivas, alterando, a partir de então, todo o curso da vida econômica e social do indivíduo. O cenário inovador se caracterizou, basicamente, pela substituição do homem pela máquina, pela relação preponderante do capital mercantil sobre o trabalho e a produção, por novas relações mercantis entre nações e pela cultura de massa.

Já no século XIX, segundo Goulart (2007), foi possível colher os resultados das relações sociais de produção que promoviam a coesão entre os indivíduos, mas os isolavam pela disjunção dos laços sociais. O movimento romântico descrito neste texto ilustra essa fase, mostrando um sujeito isolado e desamparado. O mundo do romantismo alimentava o sonho, o sentimento e a sensibilidade nas pessoas, enquanto que do lado de fora do ser, ele assistia ao crescimento da vida em comunidade e da urbanidade crescente através das indústrias e das máquinas de última geração instaladas nas grandes fábricas produtoras. De acordo com Goulart (2007), “a realidade do século XIX se transformava no ritmo da máquina e da evolução da indústria, e o sentimento do romantismo propunha a volta à natureza”. O movimento romântico criticou o século das luzes devido ao liberalismo e individualismo presentes nos ideais iluministas, afastando o homem de si mesmo e do contato com suas emoções.

Conforme ressalta Figueiredo (1996) era importante repensar a realidade a partir das novas tecnologias de poder e relações de controle sobre os indivíduos, “mobilizando suas mentes, modelando suas crenças, conduzindo suas ações”. O autor destaca que a disciplina do comportamento advinda da psicologia ganha forma na Psicologia no século XIX; o romantismo remete à psicanálise egoica, enquanto a teoria de Rogers sobre a sociedade industrial hierarquizada toma decisões, mas submete-se ao poder, aproxima-se do liberalismo.

É inegável que alguns acontecimentos históricos influenciaram o pensamento freudiano, como por exemplo o surgimento do romantismo a partir de 1825 na Europa, mostrando claramente através das obras literárias o desgosto, o anseio de morte, o pessimismo e a dor, eclodindo na depressão humana. O movimento romancista buscou o subjetivo, abordando o impalpável exatamente como a proposta psicanalítica. A Revolução Industrial provocou o homem vivente no movimento romancista a voltar-se para a tecnologia, para a urbanização, para o consumo e a busca da novidade. A industrialização favoreceu o surgimento da hierarquia social e reforçou psicanaliticamente a relação edipiana através do papel do pai, do poder, da ordem, da lei, do emprego, da produtividade, do resultado, da relação de trabalho contratada entre o empregador e o empregado. Pode-se concluir que esta foi uma era de progressos, em que a própria ciência impulsionou o mundo para o desenvolvimento.

SOBRE O NARCISISMO: A LENDA, A IDENTIDADE PSICANALÍTICA E AS TIPOLOGIAS

Narciso, na clássica mitologia greco-romana, seria sinônimo de autoadmiração, derivando da palavra grega *narke*, que significa “entorpecido”, e de onde também se origina a palavra “narcótico”. Para os gregos, Narciso simboliza a vaidade, o fascínio por si próprio. Há várias versões contadas para a lenda de Narciso, mas todas com conteúdo central e significado moral semelhantes.

Diz a lenda que Narciso era filho de Céfiso, considerado deus-rio, e da ninfa Liríope. Quando nasceu, o adivinho Tirésias prenunciou que Narciso teria vida longa se nunca contemplasse sua imagem. O jovem possuía uma beleza singular, mas possuidor de um orgulho inflexível, fazendo com que qualquer pessoa fixasse seus olhos nele a fim de apreciar tamanha beleza. Narciso era indiferente aos sentimentos alheios e, dessa forma, desprezou o amor da ninfa Eco que se apaixonou perdidamente por ele. O desprezo, a indiferença e o egoísmo de Narciso despertaram a fúria das deusas da floresta provocando, assim, um castigo mortal. Um belo dia, o jovem Narciso, fugindo de Eco, foi para a floresta e, atraído pelas deusas, foi refrescar-se no lago para aliviar o cansaço e saciar sua sede. Ao sentar-se à margem do lago, deparou-se com a própria imagem através do reflexo das águas, quebrando assim a predição de Tirésias. Ao observar seu rosto no espelho do lago, Narciso apaixonou-se perdidamente por si mesmo, extasiou-se pela própria imagem, contemplando-a até consumir-se. Terminou apaixonado profundamente por si próprio, inclinándose cada vez mais à margem para aproximar-se do reflexo, acabando por cair no lago e afogar-se. No lago, sobre o lugar que seu corpo caiu, nasceu uma flor amarelo-alaranjada rodeada de pétalas brancas, a qual ganhou o nome de Narciso, em sua homenagem (Ovídio, 2003, p. 19 *apud* MEDEIROS; V. JÚNIOR; LIMA, 2007, p. 4-5).

Para Holmes (2005), a utilização do termo “narcisismo” é observada sob formas e significados diferentes. Dita em um contexto leigo, o conceito denota uma pessoa egoísta, preocupada apenas consigo mesma, impregnada do pronome “eu”. Para o autor, existe aí um julgamento de valor velado, mas que a psicanálise teoriza: observar um indivíduo “egocêntrico” é relativamente normal e aceitável, principalmente nos jovens. Porém, se esse egoísmo prevalecer e persistir ao longo da vida adulta, pode tratar-se de uma falha de adaptação, provocando um distanciamento natural das pessoas. Dessa forma, o altruísmo, o amor ao próximo e o desprendimento são sentimentos cujo sujeito se torna incapaz de cultivar ou sentir brotar naturalmente ao recusar ver o mundo de outra forma que não o seu próprio ponto de vista, sob pena de desconsiderar e humilhar os outros. Tais indivíduos acreditam que sejam únicos, especiais, além de fantasiarem sobre seu fabuloso sucesso, imenso poder e suposta fama, acreditando que os outros devem ter para com eles um tratamento diferenciado por julgarem que representam claramente a figura do herói para com as pessoas ao redor.

É importante considerar que o narcisismo não é prenúncio patológico, pois funciona também como um protetor positivo do psiquismo humano quando o sujeito constitui uma imagem unificada, perfeita e completa transpondo o autoerotismo a partir do investimento positivo e diferenciado do objeto da libido. A partir de então, Freud classifica o narcisismo em dois tipos:

- Narcisismo Primário: Freud (1914) relata que o “eu” não é inato sendo, portanto, resultante de um processo psíquico acrescido ao autoerotismo. Esse resultado originário de uma ação psíquica é o narcisismo. Pode-se compreender o narcisismo primário como uma fase autoerótica e preparatória do narcisismo. Holmes (2005) comenta que, a exemplo da lenda e representativamente nesse estágio, o narcisismo inicia nos espelhos. A denominação do espelho é a imagem da mãe refletida para o bebê, traduzindo através do contato visual e erótico o encantamento e a sedução dos pais protetores. Subentende-se que o narcisismo primário existe em todos, podendo a mãe ser identificada como um elemento dominante em sua escolha objetual devido ao intenso contato e relacionamento que será construído e desenvolvido através desses fatores. O papel e a posição dos

pais são fundamentais para a estruturação, o desenvolvimento e a constituição narcísica primária dos filhos. Freud relata que o amor dos pais pelos filhos é o narcisismo dos próprios pais renascido e transformado em amor objeto (FREUD, 2006, p. 98, v. XIV).

- Narcisismo Secundário: de acordo com Freud, esta é a etapa seguinte do narcisismo primário, quando o bebê já é capaz de distinguir seu próprio corpo do mundo exterior, identificando suas próprias vontades como também aquele que as satisfaz (mãe ou substituto). Com o amadurecimento da criança, ela percebe que não é o único centro das atenções ou o exclusivo desejo da mãe. Abre-se aqui a “ferida narcísica” do sujeito ao perceber que está sendo destronado, inaugurando o narcisismo primário infantil. Após esse episódio, a criança precisará buscar o amor do outro ou deverá fazer-se amar pelo outro, agradá-lo para reconquistar o seu amor; porém, isso somente poderá ser feito a partir da satisfação do ideal do ego.

Na prática clínica da psicanálise é possível observar os pacientes de funcionamento narcisista preocupados exageradamente com a imagem, a aparência e a perfeição. Para Holmes (2005), seu discurso consiste em exaltar suas próprias realizações, sua saúde, pessoas e relacionamentos importantes os quais cultiva quase sempre para compensar seu sentimento de insegurança e insignificância, com um misto de inferioridade não aparente, de modo que consegue “mascarar” esta situação utilizando sempre discursos pontuados na primeira pessoa. Na maioria das vezes essas pessoas sentem a necessidade de ser o centro das atenções; mas, curiosamente, esse perfil narcisista possui pouco interesse pela vida e pelas reações da platéia, tendo como foco e objeto central de atenção ele mesmo. Em alguns momentos, podem ser pessoas divertidas e até mesmo fascinantes, ou se tornam indivíduos maçantes no convívio com os outros e até mesmo insuportáveis. Apresentam uma excessiva necessidade de serem admirados e elogiados, e diante de alguma crítica ou situação em que são ignorados, sentem-se inferiorizados e infelizes. Esses indivíduos possuem baixa capacidade de perceber os outros, tendo uma vida emocional fragilizada e superficial. Avaliando um sujeito com as características do mito de Narciso, pode-se afirmar que esse indivíduo cria uma sensação de engrandecimento da sua autoestima em detrimento do objeto para o qual nutre intensa desvalorização, rejeição e abandono. O grande dilema, portanto, é que sobre a base dessa rejeição é que a psiquê do indivíduo se estrutura. Holmes (2005) reflete que, curiosamente, esses indivíduos podem até provocar a inveja de outras pessoas pelo ideal do eu que eles refletem no espelho de suas relações e pelo fato de que muitas pessoas possuem uma reserva narcísica que o desenvolvimento e a maturação da etapa ajudaram a manter sob controle no estoque inconsciente e que apenas serve de leito para o descanso dessas sensações, nunca sendo inteiramente esquecidas, mas sim superadas, em parte, quando da busca do sujeito pela satisfação da libido a partir da relação com o objeto.

As formações relativas à estruturação clínica de cada indivíduo possuem elementos que caracterizam a patologia de uma maneira ampliada sendo, portanto, necessária a sua análise isolada para favorecer as descobertas distintas que irão diferenciar os sujeitos pelo fato de cada um possuir sua forma única e particular de viver o seu contexto, auxiliado ou não pelo outro, transpondo as etapas do desenvolvimento de acordo com o que consegue trabalhar e elaborar.

O narcisismo negativo tem sua origem calcada frequentemente em um Superego severo, que remonta de uma interiorização forte e crítica dos pais. Altas doses de cobrança e a necessidade de

reconhecer a perfeição como única condição de satisfação e realização do “eu” durante a fase de desenvolvimento da criança favorecem este quadro no futuro, conforme aborda Holmes (2005).

Ainda de acordo com o que discorre Holmes (2005), as fantasias grandiosas são elementos normais com grande incidência na adolescência, podendo permanecer na fase adulta sob forma bastante velada. De acordo com as experiências clínicas de Freud, o autor comenta que o paciente leva um bom tempo para abordar tais assuntos com desenvoltura e determinada abertura com o analista, dependendo do estágio e estabelecimento da “transferência” realizado (ou não) no tratamento, podendo fazê-lo com embaraço, vergonha e hesitação. Em caso da não ocorrência da “transferência”, o indivíduo nunca irá se expor ao analista estando o tratamento fadado ao insucesso.

O psiquiatra alemão Herbert Rosenfeld (1965), citado também por Holmes (2005), descreve mais dois padrões clínicos do narcisismo: os chamados “narcisistas grosseiros”, nomeados pelo psiquiatra americano Glen Gabbard (1996) de “narcisistas inconscientes”, e os “narcisistas delicados”, designados por Gabbard como “narcisistas hipervigilantes”:

- Narcisistas grosseiros ou inconscientes: não se importam e não possuem qualquer noção sobre o sentimento do outro, passando metafórica e literalmente “por cima” das pessoas sem qualquer sentimento de pena ou remorso, adotando uma postura arrogante, egoísta e cruel. Possui um estilo pomposo e um exibicionismo imperativo. Em análise, provavelmente esse perfil poderá apresentar desolação e desesperança.

- Narcisistas delicados ou hipervigilantes: são pessoas muito sensíveis, introspectivas, de natureza tímida, inibidas e mais egocêntricas. São indivíduos despreparados para receber críticas, magoando-se com muita facilidade, impedindo com isso que as relações sociais com outras pessoas sejam prejudicadas. Em análise, provavelmente esse perfil poderá apresentar uma fragilidade menor do que faz aparentar, alimentando uma raiva enorme diante da sua própria incapacidade de mudar ou ser de outra forma (eu ideal).

É importante ressaltar que as características existentes, observadas e investigadas em determinado indivíduo, não estão engessadas em apenas um tipo de característica, ou seja, os elementos individualizadores de uma pessoa não são excludentes com outro tipo ou modelos de caracteres. Isso se refere ao fato de o indivíduo em tratamento poder revelar outro lado ou fazer vir à tona do seu inconsciente elementos contrastantes ao seu comportamento real. Os modelos teorizados por Freud e vários outros seguidores não têm a pretensão de restringir as características individuais ao nível do comportamento humano, uma vez que, para realização da análise do paciente, é necessário que o analista tenha atenção flutuante e esteja desprovido de qualquer diagnóstico ou hipótese pré-elaborada sobre o sujeito, adotando a escuta como instrumento que possibilite o discurso da realidade psíquica do paciente através da linguagem literal ou figurada do seu inconsciente.

Lubit (2002), psiquiatra contemporâneo, ao analisar o impacto de gestores narcisistas nas organizações, enfoca o Narcisismo Destrutivo, o “ND”, alertando para um problema significativo e bastante comum nas organizações. O autor enfatiza algumas características visíveis no ambiente organizacional: esse perfil de gestor geralmente possui um sentimento grandioso relativo a sua própria importância, é arrogante, preocupa-se com riqueza e poder e está o tempo todo alerta em

busca de excessiva admiração dos outros. Coloca o seu direito em primeiro lugar e à frente das pessoas (direito de falar, de apresentar, de ter ideias), podendo, inclusive, explorar as pessoas devido a sua falta de preocupação, atenção ou consideração com o outro. O indivíduo narcisista é manipulador, tem facilidade para cativar seus superiores (principalmente quando dotado de inteligência afetiva e intelectual), forjando relacionamentos rápidos, mas superficiais. Alguns traços principais como a falta de vínculo constante e duradoura com os valores e culturas organizacionais caracterizam também esse perfil. Na maioria das vezes esses indivíduos destrutivos desconhecem que seu comportamento acarreta um problema para as pessoas ao seu redor e, quando percebem, não atribuem qualquer valor a isso. Tem dificuldade de relacionamento interpessoal, pois não apresentam empatia com as outras pessoas, muito menos condições e capacidade para compreendê-las em profundidade. Não são bons ouvintes, pois são impacientes. Desejam o que não lhes pertence pelo prazer de querer o que é do outro, indiferentes a qualquer valor intrínseco. São ambiciosos, invejosos e preocupados em guarnecer sua autoestima.

Kets de Vries (1997), conforme descrevem Medeiros, V. Júnior e Lima (2007), defende que o narcisismo e o perfil de liderança possuem uma relação muito estreita entre suas características e personalidade. Em seu artigo sobre narcisismo e liderança, Kets de Vries e Miller (1990) argumentam que as pessoas com fortes características narcisistas são extremamente dispostas a galgar o caminho que leva a um cargo de poder. Ao ocupar o posto, o sujeito se realiza e encontra o lugar propício para a manifestação de sua personalidade narcísica, sendo ela normal ou patológica. Os autores relatam que é comum encontrar perfis narcisistas em cargos de poder, liderança e gestão. Eles realizaram um estudo sobre o assunto pautado sobre as teorias freudianas e atestaram que existe uma grande tendência de haver personalidades narcísicas em posições de liderança, pois estes indivíduos são movidos pelo status, poder, autoridade e prestígio. Dentro dessa perspectiva, os autores ressaltam algumas características negativas na personalidade narcisista: sentem-se autossuficientes e únicos; tendem a exagerar em sua autoavaliação ao abordarem as principais realizações, habilidades e talentos; possuem tendência ao exibicionismo, mesmo que de forma inconsciente, tendo seu pensamento e ideia fixa no sucesso, poder, fama, inteligência superior e beleza; são extremamente sensíveis a críticas e possuem uma aversão a julgamentos negativos relativos à sua pessoa.

Os autores abordam três tipos de conduta narcisista que podem ser observados no contexto organizacional:

- Narcisista do tipo reativo: observam-se sintomas de exibicionismo, grandiosidade, impiedade, frieza, desejo pelo poder. Tais narcisistas buscam subordinados adutores e não suportam quando são criticados. Quando encontrados na posição de líder organizacional, apresentarão sérios problemas com relação à tomada de decisão, pois têm a tendência de agir isoladamente, não assumindo seus erros. Podem ser também denominados como narcisistas destrutivos, como foi abordado anteriormente. Kets de Vries e Miller (1990) analisam que, de acordo com os preceitos freudianos, o indivíduo do tipo narcisista reativo provavelmente não integrou durante a infância as construções mentais fundamentais para a formação básica do sujeito, como a necessidade de ser amado, de ser grande, inteiro, condições normais atribuídas pelo par parental. Dessa forma, é como se a patologia estancasse o vácuo originado pela cavidade celular exposta, formando assim um sentimento de impotência e insegurança diante da ausência do amor e cuidado. Diante disso, esse

líder terá uma rotatividade bastante alta em sua equipe, além da ausência de iniciativa e criatividade dos subordinados.

- Narcisista do tipo autoilusório: os sintomas observados são ausência de empatia, maquiavelismo, insegurança, carência, medo do fracasso. Esse tipo de líder narcisista mostra interesse pelos seus subordinados por pura conduta política, mas prefere que eles não sejam críticos. Possui sensibilidade aflorada, sentindo-se altamente ferido dependendo do furor crítico que recebe. Tende a promover os funcionários mais fracos em detrimento dos mais fortes por não lhe apresentarem quaisquer ameaças. Tem perfil conservador, por isso, protela a tomada de decisões. Podemos identificar o tipo narcisista autoilusório como o hipervigilante, conforme descrito por Rosenfeld (1965) citado por Holmes (2005).

- Narcisista do tipo construtivo: são indivíduos que possuem uma visão crítica e realista de sua real capacidade, habilidades e limites. Tem senso de humor, são criativos, determinados, ambiciosos e obstinados. São pessoas que transpiram confiança promovendo a reunião das pessoas em torno de um objetivo. São bons ouvintes e incentivam os subordinados a opinarem, assumindo a responsabilidade pelas ações e atitudes do grupo. Desempenham papel de mentor, são inspiradores e admirados. Atuam de forma mais flexível adotando um sistema aberto de gestão com foco participativo. Kets de Vries e Miller (1990, p. 15) salientam que esse perfil pode também ser manipulativo e oportunista, apesar de todas as qualidades. Sua capacidade de ser fonte de admiração e inspiração para os outros poderá funcionar como um instrumento para atingir seus próprios objetivos. Caso estas particularidades estejam presentes em um indivíduo e suas características construtivas sejam utilizadas para fins manipulativos, o sujeito poderá apresentar em determinados momentos ausência de calor humano e consideração, o que fatalmente chocará com as outras características e perfil humano descrito.

METODOLOGIA

Para se atender à proposta e ao objetivo deste trabalho, será desenvolvido estudo de casos adotando uma abordagem qualitativa, conforme observa Triviños (1992), pois o que se pretende é identificar, analisar e interpretar as dimensões psicossociais dos profissionais em seu ambiente de trabalho, tentando compreender o fenômeno psicanalítico e suas complexidades. As respostas recebidas trazem um universo de valores que somente o estudo qualitativo através do participante inserido no contexto pode identificá-lo e analisá-lo. A autora completa que “na pesquisa qualitativa o pesquisador participa, compreende e interpreta” as informações e dados apurados.

Quanto aos fins, essa pesquisa desenvolve um critério interpretativo. É imprescindível, ao versar sobre o caráter interpretativo desse estudo, abordar o método clínico que, de acordo com o autor, teve sua origem na área médica, mais precisamente em um hospital psiquiátrico tendo Jean Piaget como um de seus observadores em um exercício de aplicação do mesmo durante seus estudos sobre a inteligência da criança e sua forma de pensar. Tal método toma como premissa básica aceitar o modo de falar do ator, seguindo o curso de seu pensamento, ouvindo respeitosamente, sem interrupções, buscando apreender todas as informações fornecidas, inclusive percebendo o aspecto comportamental no momento da fala. Triviños (1992) relata que “Piaget começou por aceitar o modo de falar infantil para procurar descobrir a lógica interna de pensar”. Este foi o princípio básico e a característica essencial do método clínico. Triviños expõe que Piaget aborda o método

utilizando os seguintes termos: “a arte do investigador clínico consiste em não fazer originar respostas, mas em fazer falar livremente e em descobrir as tendências espontâneas em lugar de canalizá-las e encerrá-las.” E dentro dessa perspectiva, complementa afirmando que o trabalho de análise sob a luz do método clínico “deve consistir em situar todo sintoma num contexto mental, em lugar de fazer abstração do contexto”. O importante é que a análise parta da observação das reações espontâneas dos atores sociais.

Os sujeitos da pesquisa são profissionais da organização onde serão desenvolvidas as entrevistas. Eles farão parte de uma amostra não probabilística e intencional. A unidade de análise será um escritório de advocacia de pequeno porte no segmento de direito do trabalho estabelecido em Belo Horizonte. Os atores sociais da organização serão analisados sob o contexto psicanalítico. A escolha da unidade de análise se deu por conveniência de acesso à empresa.

Os instrumentos de coleta de dados a serem utilizados serão realizados através de entrevistas semiestruturadas. A técnica de análise dos resultados será feita a partir de análise e interpretação psicanalítica, considerando o teor do método clínico relatado nesta metodologia quando da abordagem dos fins interpretativos da pesquisa, pois o que se pretende é partir da observação psicossocial dos atores envolvidos e das formações do inconsciente percebidas quando da interpretação e análise da pesquisa. A identidade da organização e dos participantes serão mantidas sob sigilo, sendo apenas criado um código simbólico para identificar e distinguir os sujeitos.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

A pesquisa foi realizada em um escritório de advocacia de pequeno porte no ramo de direito do trabalho. A entrevista foi realizada com três advogadas, sendo uma delas proprietária do escritório e as outras duas, prestadoras de serviços advocatícios atuando *in loco*. A codificação recebida por cada sujeito entrevistado foi a seguinte: primeiro sujeito participante da pesquisa denominado Sujeito 1; segundo sujeito participante da pesquisa denominado Sujeito 2 e terceiro sujeito participante da pesquisa denominado Sujeito 3.

O tema despertou o interesse e a curiosidade dos profissionais principalmente porque Narciso estava presente e seria o personagem principal desse estudo, rondando a mente das pessoas num duelo entre “o que poderia haver de bom nisso” e o aspecto popularmente divulgado de que o narcisismo tem conotação negativa.

A entrevista foi elaborada a partir de questões que se apoiaram em quatro categorias de análise, sustentadas por informações acerca de um breve histórico pessoal e profissional dos sujeitos, buscando compreender sua autoimagem e percepção sob a ótica do outro a respeito do mesmo conteúdo. Através das respostas dos sujeitos foi possível investigar e analisar, a partir das dimensões psicossociais apreendidas por meio do discurso, da linguagem e da fala dos participantes, quaisquer indícios que demonstrassem características das tipologias narcisistas descritas nesta pesquisa. As fases serão abordadas a seguir, bem como as interpretações realizadas pela pesquisadora no que tange à análise clínica efetivada na pesquisa psicanalítica.

Outras inferências feitas pelos sujeitos além do previsto foram também consideradas e analisadas, pois seu conteúdo integra a realidade psíquica do sujeito, tendo sido levantado por ele devido a alguma associação realizada naquele momento ou sobre o que popularmente chamamos de

“lembrança”, tendo sido considerado como retorno de algum material supostamente recalado proveniente do inconsciente do mesmo.

A primeira categoria de análise avaliada tratou de questões introdutórias da entrevista abordando de maneira breve o histórico e a influência familiar dos sujeitos sobre a escolha da profissão. Buscou-se entender um pouco sobre o universo familiar dos sujeitos, seu relacionamento social e uma possível influência familiar na escolha da profissão através de algum espelhamento narcísico das representações do par parental ou substitutos. Percebeu-se nessa fase uma intensa atuação narcísica dos sujeitos ao afirmarem que foram responsáveis pela própria escolha da carreira, não tendo nenhuma influência da família ou de quaisquer conhecidos. Apenas um dos sujeitos considerou uma possível influência materna sobre sua decisão, na forma de uma impressão, a qual não soube precisar. Diante dessa resposta foi possível identificar o narcisismo em seus primórdios estendendo-se na vida do sujeito adulto sobre o desejo do par parental renascido, conforme abordagem primeira da teoria freudiana presente de maneira explicativa no referencial teórico desta pesquisa. O conceito narcísico observado sob a ótica da autoconfiança e da importância em ser o centro das atenções foi também observado quando outro sujeito apresentou o predomínio do Eu Ideal através da autoestima reproduzida sob o desejo de se mostrar importante para os pais e para os outros diante da vontade, na infância, de ser famosa e aparecer na televisão. Diante do exposto analisado, concluiu-se nessa fase a dominância da tipologia narcísica saudável ou positiva no material examinado sobre os sujeitos. É importante também considerar nessa conclusão a existência do narcisismo primeiro, ou seja, do narcisismo dos pais refletido nos filhos a partir da resposta do Sujeito 1.

A segunda categoria de análise realizou uma breve abordagem sobre o histórico do motivo que levou os participantes a fazerem o curso de Direito questionando sobre seus projetos futuros, onde queriam chegar. A intenção dessa etapa era identificar a nascente do desejo relativo à profissão, buscando arrematar as respostas recolhidas na primeira categoria com as análises narcísicas realizadas na segunda, depurando cada vez mais a tipologia narcísica à qual o indivíduo pertence. O que se apurou nessa fase foi a presença do narcisismo saudável em todos os sujeitos, salvo alguns traços do narcisismo reativo identificado em um deles, caracterizado pela necessidade demasiada de autoconfiança para atingir a independência econômica e não se tornar dependente de ninguém. Concluiu-se, portanto, que esse caráter reativo narcísico presente nesse participante era originário de uma história de vida sofrida pela necessidade financeira, fazendo com que esse sujeito fosse tomado pela intensa autoconfiança nesse aspecto ao ter a independência econômica como meta para toda sua vida. Esse traço reativo não faz desse sujeito um narcisista destrutivo, pois outras características dessa tipologia deveriam ter sido observadas de maneira marcante e percebidas também ao longo desse estudo, o que não se constatou.

Um breve relato acadêmico foi solicitado e abordado durante a terceira categoria de análise, buscando analisar o perfil estudantil dos sujeitos, através de sua performance estudantil, seus sonhos e projetos, conquistas e desafios durante o processo de formação acadêmica. Um dos sujeitos evidenciou por meio de sua narrativa uma passagem expondo um narcisismo exibicionista aparente, com uma postura egocêntrica e irreverente muito comum e manifesta no início da fase acadêmica, quando ainda não se tem o contato real com o mercado de trabalho. Ainda nessa tipologia de análise foi também percebido um narcisismo negativo quando da reação emocional fragilizada desse mesmo sujeito a partir de seu relato sobre a ausência de sonhos. A pesquisadora

considerou essa etapa uma das mais marcantes de toda a pesquisa, pois a resposta do participante fomentou a certeza manifesta de um aspecto implicitamente emocional que desestabilizou o sujeito expondo sua carência e comprometendo, com isso, o seu amor-próprio, sufocando assim o narcisismo positivo. O segundo nível de resposta dessa categoria mostrou com clareza a presença do narcisismo saudável através de aspectos referentes à autossatisfação presente no empenho acadêmico e no amor-próprio referente às aspirações pela profissão. Concluiu-se que, apesar de existirem traços do narcisismo negativo e do tipo reativo em um mesmo sujeito, a existência do narcisismo saudável foi predominante nos outros dois participantes.

A quarta categoria de análise foi organizada a partir de um volume maior de questões que permitissem que os participantes discorressem de uma forma mais eloquente sobre os questionamentos, além de promover em um determinado bloco de perguntas o cruzamento das respostas pela pesquisadora. Essa fase favoreceu a autoavaliação e a percepção que cada sujeito possui da imagem que os outros fazem dele próprio. Através das questões elaboradas para a entrevista foi possível observar a autocrítica realizada pelos participantes nesta fase, permitindo encontrar elementos representativos de tipologias narcísicas distintas nas respostas dos sujeitos. Algumas questões resgataram episódios vividos pelos entrevistados fazendo com que fenômenos narcísicos fossem evidenciados. Observou-se também uma predominância do narcisismo saudável, além da manifestação de leves traços característicos de outra tipologia, dependendo sempre do que a pergunta remetia aos participantes e do resgate inconsciente de determinadas fases da vida que cada sujeito retomou de forma muito particular. Nessa etapa da análise foi possível verificar a presença das quatro tipologias narcísicas – inconsciente ou reativo, negativo, saudável e hipervigilante – reunidas na construção das características do fenômeno pesquisado. É importante ressaltar que a tipologia predominante nesta última fase e ao longo de toda a pesquisa foi o narcisismo saudável, positivo ou construtivo, sendo ocasionalmente identificado algum outro aspecto ou traços que evidenciavam as outras tipologias. Essa categoria de análise permitiu evidenciar sinais do tipo narcísico autoilusório, até então pouco presente nesta pesquisa, a partir das observações e análises da pesquisadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se propôs a identificar e analisar aspectos referentes a dimensões psicossociais presentes nas relações existentes entre os sujeitos de uma organização a partir do conteúdo narcisista. Esse estudo se motivou pelo interesse em descobrir no interior da empresa a presença de Narciso e suas dimensões tipológicas manifestadas nos profissionais através da investigação da realidade psíquica do sujeito percebidas a partir do discurso, da linguagem, do comportamento e de outras formas inconscientes reveladas pelos seus participantes, permitindo a investigação dos traços característicos desse conceito. Esse trabalho foi elaborado e desenvolvido dentro dos princípios psicanalíticos abordando autores advindos da teoria freudiana.

Os estudos organizacionais realizados pela administração resultaram da reunião de várias áreas, inclusive da psicanálise, que elegeu a psiquê humana como um elemento de análise, contribuindo de maneira inovadora com o emprego de conceitos inconscientes aos estudos organizacionais. Essa abordagem permitiu relacionar a subjetividade humana ao ambiente empresarial, possibilitando a apreensão do sujeito sob a ótica individual e social, considerando as questões subjetivas do que é relacionado ou relativo ao sujeito e promovendo um equilíbrio harmônico entre os campos

particular e profissional. Além disso, esse trabalho permitiu a convergência de visões de diferentes saberes proveniente da Administração e da Teoria Psicanalítica de Freud, ou seja, a reunião de uma ciência e de um saber novo amplamente respeitado por outras linhas e escolas de pensamento.

Este trabalho possui uma abordagem qualitativa e buscou examinar o universo de valores inconscientes figurado na linguagem dos sujeitos, através da análise do complexo psicossocial dos indivíduos inseridos no contexto organizacional. Para isso desenvolveu-se um estudo de caso que foi realizado em um escritório de advocacia no segmento de direito do trabalho estabelecido em Belo Horizonte. Foram entrevistados três sujeitos escolhidos aleatoriamente, de acordo com a disponibilidade. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas possibilitando que os entrevistados tivessem a faculdade para desenvolver sua lógica de percepção e pensamento. As entrevistas semiestruturadas favoreceram a técnica de análise que, por meio da interpretação psicanalítica, utilizou do método clínico, a exemplo dos roteiros casuísticos empregados nas sessões psicanalíticas e psicológicas para introduzir determinado assunto ao paciente e deixá-lo elaborar e discorrer seu discurso a partir das formações inconscientes que surgem de associações realizadas.

É importante abordar o caráter interpretativo dessa pesquisa ao se utilizar o método clínico psicanalítico para a realização da análise das entrevistas, pois esse processo possui como princípio básico aceitar a forma de falar e expressar do analisando, seguindo o curso de seu pensamento, a partir da apreensão das informações percebidas pelo analista, considerando as reações espontâneas, o aspecto comportamental ou associativo do sujeito naquele momento. Dessa forma será possível estabelecer o sintoma no âmbito psíquico ao invés de examinar separadamente os elementos identificados no conjunto.

Vale a pena ressaltar que, de acordo com Iribarry (2003), a pesquisa psicanalítica não pode prever o inconsciente, sendo impossível sistematizá-la completamente. O recurso da análise imprime o estilo singular de quem analisa, sendo o material verificado destituído de inferências generalizadoras. As observações aferidas na entrevista são resultantes da apropriação do autor sobre o método freudiano de analisar. Destarte, o pesquisador psicanalítico pode ser considerado como primeiro sujeito integrante da pesquisa, uma vez que é a partir da sua percepção, da sua forma de ministrar o conteúdo freudiano que a contribuição conceitual será escrita e organizada durante o desenvolvimento do estudo. É um processo no qual o analista vai além do ver e ouvir, pois sua percepção deverá aguçar-se para a “escuta dirigida pelo olhar” e a “leitura-escuta”, em que através da subjetividade de análise o pesquisador psicanalítico escuta amparado pela teoria, atento às manifestações inconscientes promovidas pelo sujeito, instrumentalizando o material percebido por meio de sua transferência à obra escrita do que identificou dentro das falhas e deslizes no discurso do indivíduo, tendo como imenso desafio, após toda essa elaboração, manter sua atenção flutuante sem conduzir o sujeito a lugar algum.

O objetivo geral dessa pesquisa – identificar e analisar dimensões psicossociais presentes nas relações existentes entre os membros de uma organização que reflitam o narcisismo – foi atingido a partir da análise das relações sociais do indivíduo inserido na dinâmica organizacional e das observações verificadas nas manifestações inconscientes que ilustraram o conceito psicanalítico de Narciso, bem como suas implicações no ambiente de trabalho. Através de pesquisas realizadas sobre o tema, este estudo amparou-se em tipologias derivativas de perfis narcísicos desenvolvidas

por autores que se apoiaram na teórica freudiana para produzir suas contribuições. As dimensões narcísicas ilustraram quatro tipologias: narcisismo destrutivo/grosseiro/inconsciente ou tipo reativo; narcisismo negativo; narcisismo saudável ou positivo e narcisismo hipervigilante ou tipo autoilusório. Este estudo orientou-se pela obra de Holmes (2005), que abordou alguns autores e suas pesquisas tipológicas, evidenciando a identificação de uma tipologia, ora num grau mais alto e ora apenas em traços leves, da presença do narcisismo relacionado a elementos psíquicos, psicológicos e sociais dos sujeitos, por meio de abordagens que os remetiam ao aspecto particular e profissional. Ao longo do estudo das entrevistas foi possível observar a existência das quatro tipologias discorridas no referencial teórico deste trabalho, observando-se que o aspecto narcísico saudável ou positivo ocorreu de maneira dominante. Percebeu-se também que a tipologia narcísica hipervigilante foi a menos observada nos sujeitos. A pesquisadora considerou também que os objetivos dessa pesquisa foram além da abordagem das relações profissionais dos sujeitos, estando os mesmos sempre apoiados em observações pessoais ou particulares acerca do universo organizacional. Algumas respostas resgataram várias histórias remotas vivenciadas por eles dentro de sua esfera particular, nem sempre abrangendo os colegas de trabalho, extrapolando assim o ambiente organizacional e o objetivo em questão, não restringindo suas respostas apenas às relações profissionais.

Com relação ao primeiro objetivo específico desta pesquisa analisou-se a apropriação da psicanálise pelos estudiosos das organizações partindo inicialmente da subjetividade como um ingrediente necessário para favorecer a compreensão do sujeito diante do fenômeno social aferido na dinâmica das organizações. Posteriormente discorreu-se acerca de uma contextualização histórica abordando os principais movimentos sociais, o perfil do indivíduo e as implicações resultantes da Revolução Industrial para a vida do sujeito e das organizações concomitantemente ao surgimento da psicanálise. Portanto, esse objetivo foi atingido ao longo do referencial teórico em que se apoiou este estudo.

O segundo objetivo específico – identificar e analisar o conceito narcísico e suas implicações inconscientes no contexto organizacional – também foi alcançado, uma vez que foi possível identificar Narciso e suas ramificações tipológicas nos participantes do estudo, a partir de um vasto material inconsciente presente no discurso dos sujeitos. A partir do material coletado da entrevista com os participantes, a pesquisadora percebeu claramente, através de elementos inconscientes figurados no discurso dos sujeitos, a existência de traços narcisistas em determinados momentos narrados pelos profissionais, verificando que a tipologia narcísica saudável foi preponderante, fazendo com que as outras tipologias, narcisismo destrutivo ou tipo reativo, narcisismo negativo e narcisismo hipervigilante ou autoilusório apenas aparecessem levemente em determinados discursos dos sujeitos, não apresentando domínio amplo sobre atitudes, reações e comportamento de nenhum indivíduo entrevistado. Esse objetivo desdobrou-se em quatro categorias de análise que serão abordadas a seguir.

A predominância de determinada tipologia encontrada em um sujeito e a presença de determinados traços que caracterizam outra unidade tipológica evidenciam a organização de diferentes dimensões narcísicas contempladas no mesmo sujeito, não estando ele engessado a apenas uma tipologia, ou seja, os elementos individualizadores de uma pessoa não são excludentes com outra dimensão de análise, pois os indivíduos podem revelar características contrastantes com outra tipologia predominante.

Para fins de investigação e análise a que se propôs este artigo, considerou-se que as dimensões psicossociais percorridas no arcabouço teórico construído para esta pesquisa e observáveis no campo das relações humanas para a investigação narcísica dos sujeitos foram identificadas e analisadas diferindo-se apenas na predominância da tipologia narcísica e na existência de leves traços e evidências de outras tipologias. Dessa forma, retomando-se a pergunta de pesquisa – quais dimensões psicossociais podem ser identificadas nas relações existentes entre os membros de uma organização a partir do conceito de narcisismo? – e os objetivos geral e específicos, conclui-se que as dimensões narcísicas do tipo destrutivo/grosseiro/inconsciente ou reativo, negativo, saudável ou positivo e hipervigilante ou autoilusório foram encontradas na organização objeto deste estudo, diferindo-se apenas no grau de predominância da tipologia.

Durante o processo de levantamento feito pela pesquisadora acerca dos estudos realizados por outros autores sobre o tema, foi percebido que o elemento narcísico, na maioria das vezes, sempre estava relacionado aos sujeitos que representam a liderança nas organizações, e que o estudo do narcisismo destrutivo é supremo nessas pesquisas. O tipo de conhecimento abordado aqui não busca analisar uma característica tipológica ou mesmo uma análise narcísica a partir da função desempenhada pelo profissional, pois este trabalho contempla a análise a partir da pesquisa psicanalítica e do método clínico, o que torna o volume de investigações sobre esse foco um tanto quanto exíguo na literatura.

É importante ressaltar que esta pesquisa é um estudo de caso isolado e não tem a pretensão de abordar os resultados analisados de forma a generalizar seu diagnóstico para outras organizações do mesmo modelo, sugerindo, portanto, que outros estudos sejam realizados de maneira a produzir novos resultados que compartilhem ou confrontem com os obtidos neste trabalho. O tema é instigante, desperta a curiosidade das pessoas, mas ao mesmo tempo apresenta sérias barreiras para identificar empresas que permitam esse tipo de investigação ou que depositem confiança no método de análise. A abordagem sobre o conteúdo inconsciente, a visão restrita atribuída ao conceito de narcisismo sob a impressão rotulada de que o mesmo apenas converge para significados negativos, os vínculos e os episódios familiares limitando o acervo de informações fornecidas pelos sujeitos, o pouco tempo dispensado pelos participantes para a realização de mais entrevistas com uma amplitude maior de profundidade das perguntas revelam algumas condições limítrofes da realização desta pesquisa. É interessante considerar que a entrevista representou um ensaio inicial do que poderia tornar-se uma casuística clínica em um ambiente terapêutico. A pesquisadora considera que os elementos encontrados nas entrevistas que caracterizam as tipologias narcísicas foram primordiais para elucidar o trabalho. Considerou-se importante que levantamentos mais densos evidenciando as tipologias não dominantes (narcisismo do tipo reativo, negativo e hipervigilante) fossem estudados com maior profundidade, a fim de que se investigue a natureza e a origem psíquica dessas tipologias, buscando uma compreensão mais ampla para a recessividade dessas manifestações no sujeito. Sugere-se que estudos futuros sejam realizados para: pesquisar as diversas faces do narcisismo frente ao discurso dos profissionais abordando situações em que esse perfil seja benéfico para a empresa e maléfico para o indivíduo; avaliar suas consequências; comparar as tipologias narcísicas positiva e negativa evidenciando as questões favoráveis e desfavoráveis para o indivíduo e para o contexto organizacional; e pesquisar e investigar os perfis narcísicos que espelharam suas carreiras influenciadas pelo par parental ou substitutos, avaliando seu desempenho, examinando o nível de cobrança próprio e dos outros, amparados na rotina organizacional.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Thomson, 1999.
- ARGYRIS, C. *Personalidade e organização: o conflito entre o sistema e o indivíduo*. Rio de Janeiro: Renes, 1969.
- ARRUDA, J. R.; PILLETI, N. *Toda a História*. São Paulo: Ática, 1995.
- CARISSIMI, B. A. S. M. Do mal-estar na civilização ao mal-estar na organização: um percurso. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da UVA. Capes 01/08/2008. Fonte eletrônica acessada em: 14/set/2009.
- FERREIRA, M.G. *Concepções de subjetividade em psicologia*. Campinas, Pontes, Maranhão: CEFET (2000)
- FIGUEIREDO, L.C.. *A invenção do psicológico; quatro séculos de subjetivação, 1500 – 1900*. 3ª. Ed. S.Paulo, Educ/ Escuta, 1996
- FLEURY, M. T. L. O simbólico nas relações de trabalho – um estudo de caso sobre relações de trabalho na empresa estatal. Tese (livre-docência) –, FEA/Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.
- FREUD, S. *Estudos sobre Histeria (1893-1895)*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006. v. II.
- FREUD, S. *Sobre o narcisismo: uma introdução. A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006. v. XIV.
- FREUD, S. *O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006. v. XXI.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GODOI, C. K. *Psicanálise das organizações – Contribuições da teoria psicanalítica aos estudos organizacionais*. Santa Catarina: Ed. Univale, 2007.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995a.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, p. 57-63, 1995b.
- GOULART, I. B. Subjetividade nas organizações. In: VIEIRA, Adriane; GOULART, Iris Barbosa. *Identidade e subjetividade na gestão de pessoas*. Curitiba: Juruá, 2007.
- GOULART, I. B. Estudo sobre pequenos grupos sociais – Breve análise crítica. Texto de produção interna do Mestrado em Psicologia da UFMG. 2002.
- HOLMES, J. *Conceitos de psicanálise – narcisismo*. Tradução Carlos Mendes Rosa. São Paulo: Ediouro, 2005. v. 11.
- IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica? *Agora*, 6 (1), (2003), 115-138.
- KETS DE VRIES, M. F. R; MILLER, D. Narcisismo e liderança – uma perspectiva de relações de objetos. *Revista de Administração de Empresas*, v. 30, n. 3, p. 5-16, 1990. Acesso em: 14 out 2009.

- KETS DE VRIES, M. F. R; CARLOCK, R. S; FLORENT-TREACY, E. *A empresa familiar no divã: uma perspectiva psicológica*. São Paulo: Artmed, 2009.
- LUBIT, R. O impacto dos gestores narcisistas nas organizações. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 66-77, 2002.
- MEDEIROS, C. R. O; V. JÚNIOR, V.M; LIMA, M. C. A manifestação do narcisismo nas práticas discursivas de liderança. *Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, UFPE, v. 5, n. 3, 2007.
- MENDES, A.M.B.. *Valores e vivências de prazer-sofrimento no contexto organizacional*. Brasília, 1999
- MICHEL, M. H. *Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 2005.
- MOTTA, L. C. P; VASCONCELOS, G. I. *Teoria geral da administração*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- NICOLACI-DA-COSTA, A. M. *Na malha da rede: os impactos íntimos da internet – revoluções tecnológicas e transformações subjetivas*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- PAULA, A. P. Eros e narcisismo nas organizações. *Revista RAE Eletrônica*, São Paulo, v. 2, n. 2, 2003. Acesso em: 14 out. 2009.
- ROSENFELD, H. *Psychotic States: A Psycho-Analytic Approach*. Nova York: International Universities Press, 1965.
- ROUDINESCO, R; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- SIMÕES, F. I. W. A constituição do mundo psíquico e as doenças relacionadas ao trabalho. 2008, Capes. Acesso em: 14 set. 2009.
- TAYLOR, C. R.; HOROCHOVSKI, R. R. A estruturação psíquica do sujeito na organização. *Rev. FAE*, Curitiba, v. 4, n. 3, p. 53-63, dez. 2001. Acesso em: 14 set. 2009.
- TOLSTOY, L. *Narcisus and Oedipus*. Londres: Routledge, 1982.
- TRILLAT, E. *História da histeria*. São Paulo: Escuta, 1991.
- TRIVINÕS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1992.
- VERGARA, S. C. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- WEBER, M. *Economy and Society*. Editado por Roth e Claus Wittich. Berkeley: University of California Press, 1978. (Original publicado em 1922)
- WIRTH, L. O urbanismo como modo de vida. In: O. G., Velho (Org.). *O fenômeno urbano* Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. p. 90-113. (Original publicado em 1938)
- YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2001.